

Quem paga dívida não cresce, diz economista

9 JUL 1988

X 29

CAMPINAS — Não é possível uma nação americana pagar a dívida externa e crescer ao mesmo tempo. Logo, este país deveria deixar de pagá-la, utilizando o capital na formação de um fundo popular de desenvolvimento social, onde se tentaria solucionar os problemas cada vez mais graves desta sociedade. Esta tese foi defendida ontem, durante os debates do último dia da primeira etapa do "Seminário Brasil Século XXI", realizado na Universidade Estadual de Campinas, pelo economista chileno Osvaldo Sunkel. Para ele, "a alta inflação nestas nações é reflexo da necessidade de vencer os serviços da dívida". O simpósio — que encerrou a etapa "Tendência Mundiais" — continua na primeira semana de agosto, com o tema "Perspectivas da Economia Brasileira".

O tema de encerramento da primeira fase, ontem, "As Transformações na Economia Internacional e a Geometria Mundial do Poder", dividiu os debatedores. Segundo Osvaldo Sunkel, "o problema da dívida se agravará em quase toda a América Latina este ano, principalmente a partir do descrédito dos países desenvolvidos em ajudar as nações do Terceiro Mundo". Sunkel disse que "estamos diante de uma América Latina que não tende a crescer e é vulnerável a crises que tornam a situação social difícil, com perspectivas de perturbações sociais".

Essa tendência de falta de recursos para os países do Terceiro Mundo pode, porém, ser minimizada, segundo a economista da Wisconsin University, Barbara Stalling, com o crescente poder econômico do Japão. "Cada vez mais — frisa Barbara —, o Japão será o doador econômico número um do mundo, destinando, também, maiores recursos à América Latina." A economista norte-americana afirmou que "os japoneses têm a vantagem de serem pragmáticos", explicando que "eles não se

interessam pela ideologia do país que vão ajudar, como fazem os Estados Unidos".

"Para os japoneses, conta sim, a economia do país", diz Barbara, ela lembra, porém que "não por isso os japoneses são altruistas":

"Há na ajuda um interesse econômico e político de ampliar o poder."

A economista disse que o principal projeto que pode interessar o Japão, hoje, no Brasil, é Carajás, e que se a ajuda ainda não é substancial à América Latina é por uma visão concreta de Tóquio. "Eles ainda não emprestaram dinheiro porque acham que aqueles que forem ajudados realmente não trabalharão e irão, sim, gastar o capital emprestado no mercado dos Estados Unidos".

A mesma visão tem o cientista político norte-americano Robert Gilpin, da Princeton University. Para ele, "a demanda de capitais no mundo vai mudar de eixo, interessando, por isso mesmo, aos países desenvolvidos, também a questão da solução da dívida externa. Afinal, o capital, no futuro, vai ter de fluir para estes países em desenvolvimento". Gilpin acha que o desafio japonês é transformar seu poder não só em econômico, mas financeiro, frisando, entretanto, que os Estados Unidos ainda lideram o mundo ocidental em termos econômicos. "Por esta razão — afirma — é que os americanos vão dar a vitória aos republicanos nas eleições de novembro, porque a sociedade norte-americana tem medo dos democratas, que podem aumentar a inflação e o protecionismo".

O professor da USP, Adroaldo Moura da Silva, explicou que, pela crise mundial, no Brasil "vamos ter de aprender a conviver com um estado menos protecionista e mais comercial", enfocando a necessidade de uma nova política econômica para enfrentar a crise.